

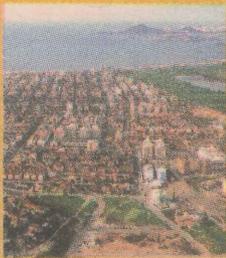
CLASSITEL
3321-8600

GUIA DE SERVIÇOS

Editora: Lúcia Gonçalves - lucia@redegazeta.com.br - T. 3321-8244 - F. 3321-8765

Concursos Inscrições em Vitória

Interessados em concorrer a uma das 340 vagas para professor da Prefeitura da Capital podem se inscrever a partir de hoje. **Pág. 3**



Bairros Jardim Camburi

Veja como cresceu o bairro, desde o início da década de 60, quando foi construído o primeiro conjunto habitacional, até chegar aos atuais 70 mil moradores. **Págs. 4 e 5**

ÍNDICE

AGENDA	2
CONCURSOS	3
GAZETA NOS BAIRROS	4 E 5
LINHA DIRETA	6
TELEFONES ÚTEIS	6
COLUNA DA FÉ	7
TEMPO	8

PREPARATIVOS PARA FINADOS

CEMITÉRIOS JÁ ESTÃO SENDO LIMPOS E IRÃO FICAR ABERTOS DURANTE TODO O DIA NA PRÓXIMA QUARTA-FEIRA, PARA VISITAÇÃO E CELEBRAÇÃO DE MISSAS

MANUELA SIQUEIRA

Mais de 100 mil pessoas vão passar pelos cemitérios da Grande Vitória no Dia de Finados, na próxima quarta-feira, 2 de novembro. A data, escolhida para lembrar e rezar pelos mortos, levará católicos do Brasil inteiro até os cemitérios.

Para receber os visitantes, quase todos os cemitérios estão passando por serviços de capina, retirada de folhagens e excesso de terra, além de pintura dos muros e lápides.

Na Região Metropolitana de Vitória, alguns cemitérios vão abrir mais cedo, às 7h. Outros abrirão no horário normal, às 8h, mas fecharão mais tarde, às 18h (confira a programação no box ao lado).

Missas. Em muitos cemitérios, haverá missas especiais durante todo o dia, como é o caso do Cemitério de Santo Antônio, em Vitória, onde serão celebradas nove missas.

Cada uma das missas será comandada por um

padre. A missa das 7h será celebrada pelo arcebispo emérito, Dom Silvestre Luiz Scandian.

Em alguns cemitérios, além das missas dos católicos também haverá cultos evangélicos.

As homenagens aos mortos não ficarão restritas aos cemitérios. As igrejas também realizarão missas especiais.

O Frei Ladi, por exemplo, irá celebrar missa no Santuário Divino Espírito Santo, no Centro de Vila Velha, em dois horários: às 6h30 e às 19h.



HORÁRIO ESPECIAL Na Região Metropolitana da Grande Vitória, alguns cemitérios vão abrir mais cedo, às 7h. FOTO: NESTOR MÜLLER/ARQUIVO

TOME NOTA

- **Serra**
 - **Cemitérios públicos.** Nova Almeida, Jacaraípe, Carapina Grande, Pitanga, Serra-Sede e São Domingos.
 - **Horário de funcionamento.** Os cemitérios ficarão abertos das 8h às 17h30.
 - **Cemitério Jardim da Paz, em Laranjeiras**
 - **Horário de funcionamento.** Será das 7h às 18h.
 - **8h.** Será celebrada missa por integrantes da Igreja Brasileira Católica.
 - **10h.** Missa da Igreja Católica Romana.
 - **16h.** Haverá celebração da Igreja Católica Romana.
- **Vitória**
 - **Cemitério de Maruípe**
 - **Horário de funcionamento.** Ficarão abertos no período de 7h às 19h.
 - **8h.** Será celebrada missa pelo Cônego Maurício de Matos Pereira.
 - **Cemitério de Santo Antônio**
 - **Horário de funcionamento.** 7h30 às 18h.
 - **7h.** Missa celebrada por Dom Silvestre Luiz Scandian.
 - **8h.** Missa com padre Marcelo Margon.
 - **9h.** Missa com padre Ivo Ferreira de Amorim.
 - **10h.** Missa com padre Anderson Teixeira.
 - **11h.** Missa com padre Roberto Camillato.
 - **15h.** Missa celebrada pelo Padre Anderson Gomes da Silva.
 - **16h.** Missa com padre Dário Ferreira da Silva.
 - **19h.** Missa com padre Pedro Cusini (do Cemitério Nossa Senhora da Boa Morte).
- **Vila Velha**
 - **Cemitérios públicos.** Alvorada, Centro, Ponta da Fruta, Santa Inês e Barra do Jucu.
 - **Horário de funcionamento.** Os cemitérios ficarão abertos no período de 7h às 17h.
 - **Cemitério Parque da Paz, em Ponta da Fruta**
 - **Horário de funcionamento.** Entre as 8h e as 17h.
 - **10h.** Missa celebrada pelo Frei Ladir.
- **Cariacica**
 - **Cemitérios públicos.** Oriente, Alto Laje, Nova Rosa da Penha, Santo André, Cariacica-Sede, Novo Brasil e Aparecida.
 - **Horário de funcionamento.** No período de 7h às 17h.
 - **Cemitério Parque da Paz, no bairro Tabajara**
 - **Horário de funcionamento.** 8h às 17h.
 - **10h.** Missa será celebrada pelo padre Zambon.
 - **15h.** Missa celebrada pelo padre Ivo.

G

JARDIM CAMBURI ERA BALNEÁRIO ATÉ A DÉCADA DE 60

GAZETA NOS BAIRROS

JARDIM CAMBURI

ATÉ HÁ CERCA DE 40 ANOS, A MODA ERA MORAR NO CENTRO DE VITÓRIA E TER CASA DE VERANEIO NO FINAL DA PRAIA DE CAMBURI

TATIANA PAYSAN

Quem vê a “cidade” em que se transformou Jardim Camburi não imagina que o bairro começou com um loteamento de apenas 100 casas, na década de 60. O nome Jardim Camburi só foi oficializado em 1967, com a entrega dessas residências. Antes, o local era conhecido como Balneário Camburi. Atualmente, Jardim Camburi conta com cerca de 70 mil habitantes.

Segundo José Eduardo Vervloet dos Santos, filho do criador do bairro, José Maria Vivácqua, o primeiro loteamento foi aprovado em 1929, pela família Nunes, quando o bairro recebeu o nome Balneário Camburi.

Mas, em 1967, em parceria com a Plano Engenharia, seu pai deu início à construção de um conjunto habitacional com 100 casas. Antes, a região era uma área de fazenda e areal. “Meu pai foi chamado de louco quando veio para cá, porque não tinha nada no local. A moda era morar no Centro da cidade e ter uma casa de veraneio aqui”, afirmou.

Era uma época em que não existia água nem luz. “Havia sete poços arte-

sianos, com pessoas trabalhando durante 24 horas para abastecer as casas”, disse José Eduardo. Foi justamente nessa época que a artista plástica Themis Silva Sanz, 79 anos, comprou a sua casa no bairro.

“No começo, a casa era apenas de veraneio. Eu morava na Rua Graciano Neves, no Centro, e vinha curtir a praia nos finais de semana”, contou. Segundo Themis, por ter muito mato na região, era possível ver até raposas passando na frente das casas. “Eu tinha uma criação de galinhas e elas chegavam a atacá-las. Também já vi muitos micos, cobras e até veados.”

Atualmente, para lembrar os velhos tempos, Themis guarda uma bela recordação em seu quintal: uma bomba manual, que era usada para jogar água nas caixas. O lampião também era companhia inseparável quando chegava a noite, já que não havia energia elétrica.

Themis conta que era uma época muito tranqüila. Os poucos moradores da época chegavam a dormir com as portas abertas, sem preocupações. “Tudo aqui é muito bom. Não me mudo daqui por nada. Só saio quando eu morrer”, afirmou.

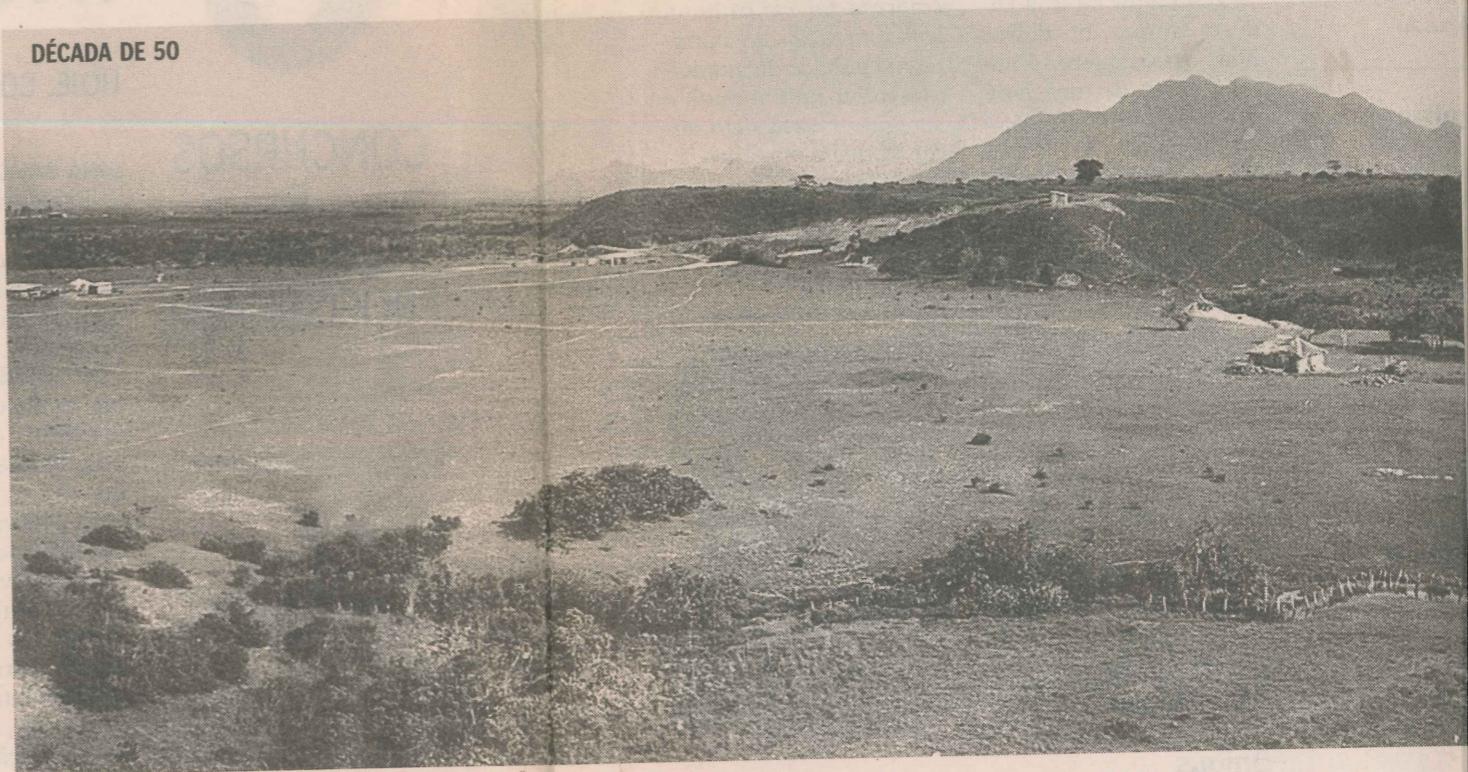
TOME NOTA: Amanhã, conheça algumas entidades sociais de Jardim Camburi e veja como contribuir. E no sábado, o mapa do bairro.



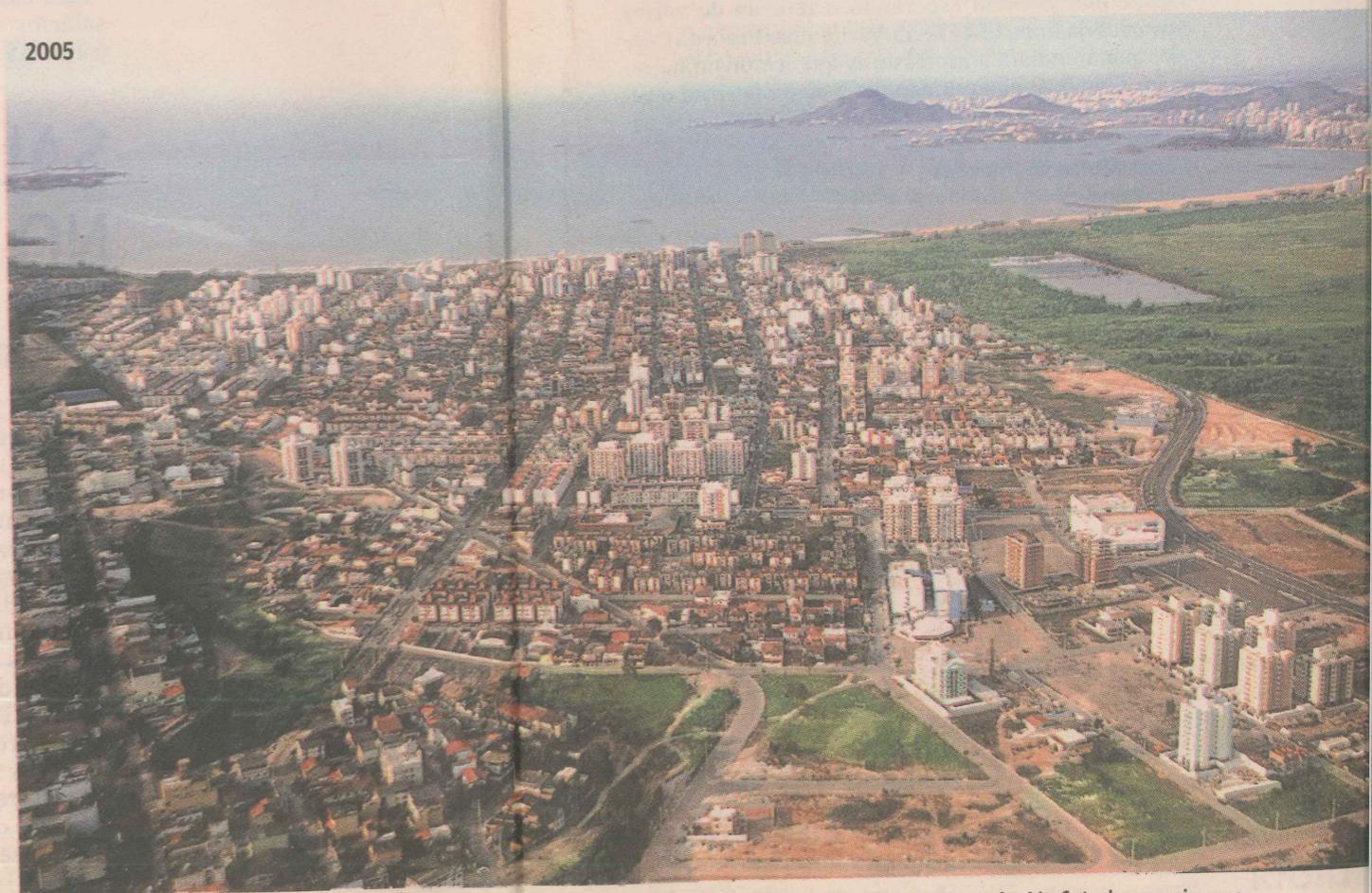
“Hoje as bombas são elétricas e não exigem nenhum esforço. Antigamente, para matar a nossa sede e cozinhar, tínhamos que ir a uma nascente que existia na ponta de Tubarão”

THEMIS SILVA SANZ
Artista plástica

DÉCADA DE 50



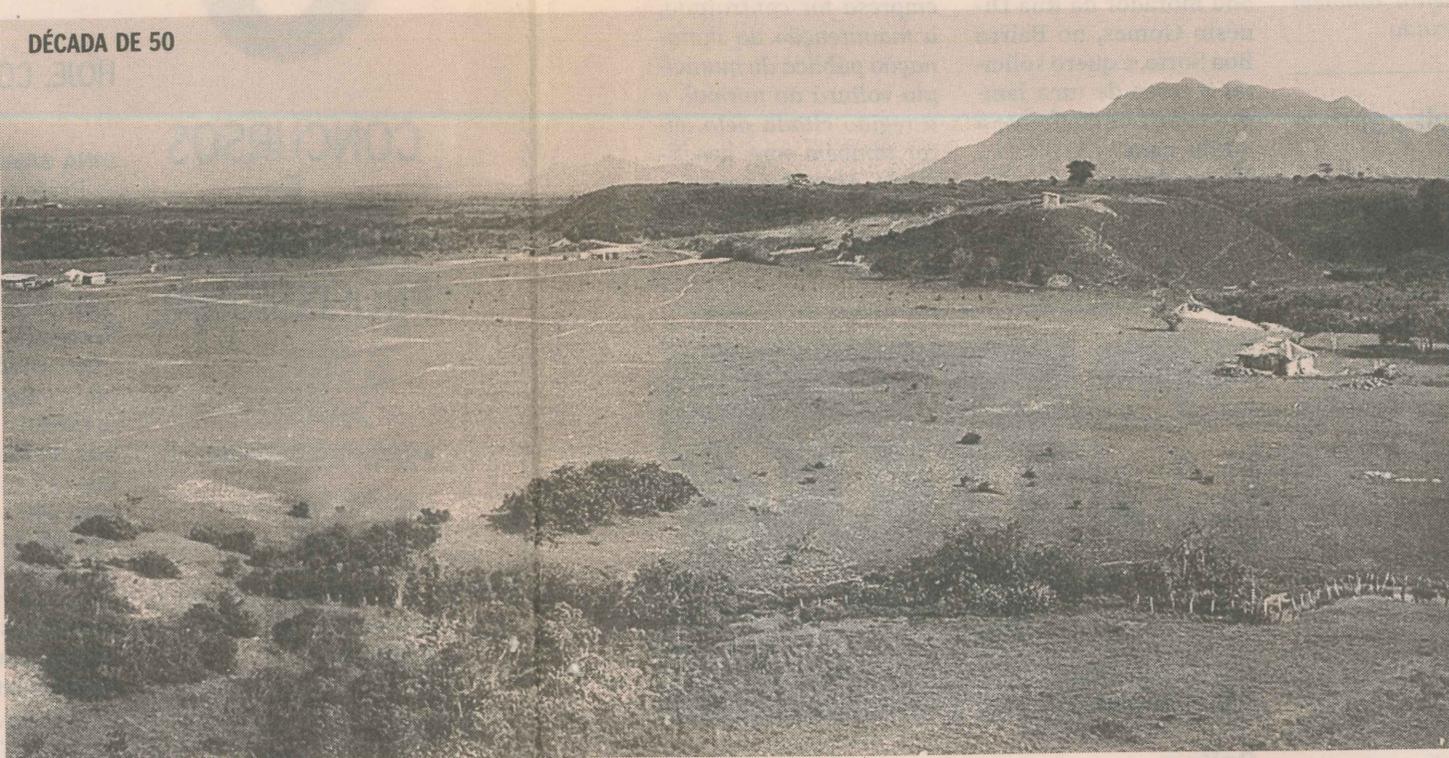
2005



PROGRESSO. A foto no alto mostra Jardim Camburi antes da urbanização, com aspecto de fazenda. Na foto logo acima, a transformação: hoje é um “mar” de casas e edifícios para abrigar 70 mil habitantes. FOTOS: DIVULGAÇÃO E GABRIEL LORDÉLLO

BALNEÁRIO

DÉCADA DE 50



2005



PROGRESSO. A foto no alto mostra Jardim Camburi antes da urbanização, com aspecto de fazenda. Na foto logo acima, a transformação: hoje é um “mar” de casas e edifícios, para abrigar 70 mil habitantes. FOTOS: DIVULGAÇÃO E GABRIEL LORDÉLLO

PERSONAGENS

“Sou o amigo da turma”



Amigo da criançada e, muitas vezes, confidente dos adultos, seu Paulo do Coco trabalha há mais de dois anos na Praça da Igreja Católica de Jardim Camburi. “Trabalhei 18 anos em gráfica e fazendo frete, mas decidi ter o meu próprio negócio. Chego aqui, religiosamente, às 7h30 e saio às 18h30. Tenho muitos amigos e, quando chega alguém querendo apenas conversar, acabo saindo um pouco mais tarde. Enquanto o dia estiver

claro, estou aqui. Muitos vêm aqui para desabafar e acabamos virando amigos íntimos. Eles sabem de tudo da minha vida e eu também sei da vida deles. Muitas crianças esquecem os brinquedos aqui na praça, e eu guardo para, no outro dia, entregar a eles. Virei o amigo da turma. Faço de tudo para agradar.”

PAULO BORGES
Vendedor de coco

“A praia é o meu xodó”



Para fugir da depressão, a dona de casa Marli Dilzi Dias Ferrazo viu nas conchas uma alternativa para reconstruir sua vida, de uma maneira prazerosa. Há dois anos, ela ficou viúva e decidiu investir na arte. Começou cantando conchas na praia até arriscar fazer algumas peças. Deu tão certo que hoje já vende para as amigas e recebe encomendas. “Para fazer uma flor grande, levo até seis meses. É muito

trabalhoso, mas a recompensa é maior e única. Moro no bairro há 30 anos e a minha forte ligação com a praia acabou abrindo esse leque de oportunidades. A praia é o meu xodó. Já tentei ficar um tempo em Minas Gerais, mas não me adaptei e vim embora. Aqui é o meu lugar.”

MARLI DILZI DIAS FERRAÇO
Dona de casa